



“SER CRUEL PARA SER GENTIL”: LUTO, VERGONHA E RUPTURA DO PACTO NARCÍSICO EM *LOVE IN THE DARK*, DE ADELE

“Being cruel to be kind”: mourning, shame, and the rupture of the narcissistic pact in *Love in the Dark*, by Adele

Clodoaldo Matias da Silva¹

Resumo

Esta pesquisa investiga como a canção *Love in the Dark* articula simbolicamente luto, vergonha e ruptura do pacto narcísico, examinando os modos pelos quais a separação amorosa contemporânea se inscreve na experiência subjetiva como complexo trabalho psíquico de desinvestimento e preservação do eu. O objetivo consiste em examinar a elaboração da perda na narrativa musical, identificando movimentos de retraimento, reconhecimento do limite e reorganização que estruturam a despedida. Metodologicamente, adota-se a análise de conteúdo dos versos, extraindo núcleos de sentido e relacionando-os à dinâmica emocional do desligamento afetivo. Os resultados indicam que a obra constrói um campo simbólico no qual o sujeito renuncia à fantasia de salvação mútua ao reconhecer que a continuidade do vínculo compromete sua integridade. A despedida assume dimensão ética de cuidado consigo e com o outro. Conclui-se que a canção evidencia transformações do amor na modernidade tardia, apresentando a ruptura como processo gradual, identitário e afetivo.

Palavras-chaves: Afeto; Luto; Psicanálise; Ruptura; Vergonha.

Abstract

This study investigates how the song *Love in the Dark* symbolically articulates mourning, shame, and the rupture of the narcissistic pact, examining how contemporary romantic separation becomes inscribed in subjective experience as complex psychic work involving disinvestment and self-preservation. Its objective is to examine the elaboration of loss within the musical narrative, identifying movements of withdrawal, recognition of limits, and internal reorganization that structure farewell. Methodologically, the study applies content analysis to the lyrics, extracting meaning units and relating them to the emotional dynamics of affective detachment. The findings indicate that the song creates a symbolic field in which the subject relinquishes fantasies of mutual salvation upon recognizing that maintaining the bond threatens integrity. Farewell therefore acquires an ethical dimension of care for oneself and the other. The study concludes that the song reveals cultural transformations of love in late modernity, presenting rupture as a progressive, affective, and identity-forming process.

Keywords: Affect; Grief; Psychoanalysis; Rupture; Shame.

Introdução

O presente estudo toma como objeto a canção *Love in the Dark*, cuja narrativa de ruptura amorosa mobiliza vergonha, luto e desinvestimento como movimentos constitutivos da subjetividade contemporânea. A obra permite observar como a perda se inscreve em

¹ Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. E-mail: cms.1978@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0610689835831570>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.



vocabulários afetivos que deslocam o amor da idealização para a renúncia necessária. Sua circulação em plataformas digitais também reforça sua condição de dispositivo midiático e simbólico, capaz de difundir sensibilidades afetivas e de evidenciar como a dissolução amorosa opera, simultaneamente, como fratura e reorganização subjetiva em diálogo com padrões culturais mais amplos.

A justificativa acadêmica decorre da necessidade de compreender como produções culturais populares condensam processos psíquicos complexos e oferecem acesso a formas contemporâneas de elaboração da perda, inscritas tanto na experiência individual quanto em repertórios coletivos. A importância científica reside na possibilidade de examinar a articulação entre vergonha, luto e ruptura narcísica em um objeto artístico que torna visíveis dinâmicas frequentemente obscurecidas no discurso ordinário, tensionando as relações entre emoção, linguagem e inscrição simbólica. Sua relevância social resulta do fato de que narrativas culturais de separação funcionam como molduras interpretativas por meio das quais os sujeitos compreendem, narram e enfrentam suas próprias perdas.

O objetivo geral consiste em analisar psicanaliticamente a canção, identificando como luto, vergonha e ruptura do pacto narcísico estruturam a experiência amorosa narrada e sustentam a decisão de afastamento. Especificamente, busca-se examinar os mecanismos psíquicos implicados na renúncia ao vínculo, interpretar a função simbólica da vergonha na delimitação do limite afetivo, analisar o desmoronamento do pacto narcísico como eixo da ruptura e mapear os elementos discursivos da reorganização subjetiva expressa na obra. A questão norteadora da investigação é: como a canção elabora, no plano simbólico, a ruptura do pacto narcísico por meio do luto e da vergonha na experiência amorosa, explorando as tensões subjetivas que emergem quando a preservação do eu exige o afastamento do outro?

Parte-se da hipótese de que a obra encena um processo de separação marcado pela recusa da fantasia de salvação, no qual vergonha e luto operam como dispositivos psíquicos de reorganização e conduzem o sujeito à afirmação de um limite ético fundamental. A renúncia, nessa perspectiva, não é compreendida como fracasso relacional, mas como gesto de reposicionamento subjetivo capaz de transformar a perda em continuidade psíquica. A pesquisa adota abordagem qualitativa e interpretativa, estruturada como estudo teórico-



analítico da canção enquanto material de expressão simbólica, permitindo captar a lógica inconsciente de sua narrativa sem reduzi-la à dimensão emocional imediata.

A técnica mobilizada é a análise de conteúdo da letra, destinada à identificação de núcleos temáticos relacionados à vergonha, à retração, à perda e à ruptura, posteriormente interpretados à luz da psicanálise. Tal procedimento permite ultrapassar a descrição literal dos versos e evidenciar circuitos internos de perda, limite e reposicionamento subjetivo. O artigo organiza-se em introdução, quatro seções de fundamentação teórica sobre os processos psíquicos da perda, a dinâmica afetiva da modernidade, a estrutura subjetiva da ruptura amorosa e a análise simbólica da canção, seguidas de conclusão e referências. Assim, esta introdução delimita o objeto, justifica sua relevância e apresenta os procedimentos que sustentam o desenvolvimento bibliográfico subsequente.

As dinâmicas psíquicas da perda como fundamento interpretativo da experiência amorosa contemporânea

Ao adentrar o campo teórico que possibilita compreender as formas pelas quais a perda se inscreve na experiência amorosa contemporânea, torna-se evidente que as narrativas culturais revelam zonas de transição psíquica nas quais o afastamento do outro provoca reconfigurações silenciosas que raramente encontram linguagem adequada, e essa dificuldade produz marcas que se manifestam em gestos cotidianos, hesitações discursivas e modos particulares de recolhimento afetivo. Nesse sentido, observa-se que sujeitos em processo de separação frequentemente descrevem a sensação de que a própria voz perde consistência, como se a ruptura desorganizasse o eixo habitual de sustentação emocional, provocando fragmentos de memória que emergem desconexos e ao mesmo tempo intensamente significativos. Assim, esse cenário evidencia a necessidade de mapear os conceitos que permitem compreender como a perda opera simultaneamente como dissolução e reorganização, oferecendo pistas para captar movimentos internos que resistem à nomeação explícita.

Com base nisso, a leitura das dinâmicas da perda exige retornar à elaboração clássica que descreve o luto como processo que envolve retirada progressiva de investimentos e reorganização interna, pois muitos relatos subjetivos evocam exatamente esse atravessamento



em que a ausência do outro convoca um trabalho psíquico contínuo que se manifesta em imagens persistentes, lapsos afetivos e súbitas percepções de estranhamento consigo mesmo (Freud, 2006). Ademais, a experiência empírica de indivíduos em término de relacionamento mostra que o luto amoroso é frequentemente vivido como oscilação entre apego remanescente e impulsos de apagamento, produzindo um movimento que torna o mundo interno simultaneamente familiar e distante, como se algo se deslocasse sem cessar. Desse modo, a compreensão do luto fornece um eixo conceitual estruturante que permite reconhecer as nuances pelas quais a perda reorganiza silenciosamente o território psíquico.

Nesse movimento, torna-se necessário considerar que rupturas amorosas frequentemente revelam a fragilidade do eu quando sua sustentação dependia do reconhecimento oferecido pela relação, pois muitos sujeitos descrevem que, ao final do vínculo, experimentam a sensação de que o próprio contorno psíquico se torna permeável, instável e vulnerável (Freud, 2004). Além disso, relatos clínicos e culturais evidenciam que o narcisismo opera como matriz de investimento que dá forma à imagem de si, fazendo com que a separação ameace esse arranjo e desencadeie movimentos de retração subjetiva que aparecem em silêncios prolongados, dificuldades de decisão e sentimento de inadequação (Laplanche; Pontalis, 1998). Portanto, a articulação entre narcisismo e perda oferece ferramenta fundamental para compreender os efeitos internos produzidos pela ruptura.

Avançando nessa direção, percebe-se que a ruptura amorosa não mobiliza apenas a ausência objetiva do outro, mas também a dissolução de expectativas e narrativas internas que estruturavam a convivência, gerando uma espécie de vazio simbólico que muitos descrevem como deslocamento do próprio tempo psicológico, como se os dias perdessem ritmo e a memória se tornasse irregular. Essa suspensão afetiva manifesta-se em pequenas ações cotidianas, como a dificuldade em reorganizar rotinas partilhadas, o adiamento de decisões triviais e a sensação de que objetos comuns adquirem peso emocional inesperado, revelando que a perda se infiltra no campo material da vida. Assim, mapear esse conjunto de experiências permite compreender a ruptura como processo que reorganiza subjetivamente o espaço interno, produzindo marcas que antecedem qualquer elaboração reflexiva.

À luz dessas observações, importa notar que relatos de separação frequentemente evocam movimentos afetivos que oscilam entre resistência e aceitação, expressos em



narrativas onde sujeitos descrevem a dificuldade em abandonar imagens idealizadas ou em reconhecer que determinados vínculos se tornaram emocionalmente insustentáveis, configurando trajetórias psíquicas que se aproximam de percursos caracterizados por hesitação, retração e posterior reorganização (Kovács, 1992). Além disso, muitos depoimentos indicam que a perda amorosa é vivida como experiência que convoca transições afetivas marcadas por despedidas internas sucessivas, nas quais o sujeito tenta nomear sentimentos conflitantes enquanto enfrenta o peso de escolhas que não podem mais ser adiadas (Kübler-Ross, 1994). Dessa maneira, compreender esses movimentos permite identificar as camadas pelas quais o luto amoroso se expressa de modo não linear.

Ao considerar ainda a dimensão das perdas silenciosas, observa-se que muitas separações produzem lutos que não encontram reconhecimento simbólico, levando indivíduos a enfrentar conflitos internos sem apoio discursivo ou social, o que intensifica a sensação de invisibilidade afetiva e gera estratégias de autopreservação que se manifestam em retrações comunicativas ou em migração para espaços de expressão indireta (Kovács, 1996). Relatos empíricos mostram que essa invisibilidade se evidencia especialmente quando o término envolve vínculos que, por diversas razões, não puderam se sustentar publicamente, afetando a possibilidade de partilha e dificultando a legitimação da dor emocional vivida (Casellato, 2013). Do mesmo modo, muitas narrativas indicam que a separação amorosa expõe tensões entre culpa e necessidade de preservação, produzindo movimentos de afastamento que se tornam, paradoxalmente, os únicos meios de continuidade psíquica imaginável (Ducatti, 2013).

A partir dessas considerações, evidencia-se que a construção teórica da perda amorosa exige captar como sujeitos atravessam estados de suspensão afetiva nos quais a confiança em seus próprios julgamentos parece temporariamente abalada, levando-os a reinterpretar acontecimentos recentes de forma fragmentada e circular, como se cada lembrança retornasse com novo contorno emocional. Esses relatos empíricos mostram que a ruptura não incide apenas sobre a relação, mas reorganiza a forma de perceber o mundo, provocando modificações na sensibilidade, nas expectativas e nos limites do que se pode suportar. Assim, o campo teórico que circunscreve a perda precisa considerar essa dimensão de instabilidade



interna que acompanha o desligamento amoroso e que se manifesta em gestos mínimos, porém profundamente significativos.

Ao observar depoimentos de indivíduos que descrevem a experiência da separação, nota-se que o rompimento frequentemente mobiliza tensões entre racionalização e afeto, produzindo relatos nos quais a tentativa de explicar a decisão convive com sentimentos de desamparo que emergem de forma inesperada e desordenada, configurando campo psíquico onde ambivalências se intensificam (Ferreira, 2010). Além disso, discursos culturais revelam que a sociedade tende a validar apenas certas formas de ruptura, marginalizando dores que não se enquadram em expectativas normativas, o que leva muitos sujeitos a elaborar suas perdas em silêncio e a buscar narrativas alternativas em obras culturais (Silva, 2026). Por fim, relatos introspectivos mostram que a separação convoca despedidas múltiplas, não apenas do outro, mas de versões de si que não podem ser sustentadas, configurando movimento emocional marcado por ondas sucessivas de reorganização (Kübler-Ross, 1994).

Nessa perspectiva, importa notar que, ao relatar a ruptura, muitos indivíduos descrevem a sensação de que aspectos profundos de sua identidade se deslocam, como se o desligamento amoroso desestabilizasse coordenadas internas que pareciam consolidadas, produzindo intervalos de indefinição nos quais velhos hábitos e novos gestos convivem tensa e temporariamente (Laplanche; Pontalis, 1998). Esses relatos sugerem que a perda amorosa não apenas provoca dor, mas também reorganiza a forma como o sujeito se reconhece, produzindo movimentos de redefinição que podem surgir de modo sutil em pequenas ações, como mudança de rotinas, alterações no ritmo cotidiano ou novos modos de ocupar espaços antes compartilhados. Assim, o campo teórico construído até aqui permite compreender a perda como fenômeno que reorganiza o eixo subjetivo, abrindo espaço para examinar como tais transformações estruturam os modos de se relacionar na atualidade.

Diante dessas articulações, torna-se possível reconhecer que a perda amorosa opera como processo que não apenas dissolve vínculos, mas transforma percepções internas, remodela expectativas e redefine a forma como o sujeito se situa diante do outro, produzindo efeitos que reverberam no campo afetivo e simbólico e atravessam práticas cotidianas que revelam nuances dessa reorganização silenciosa. Essas observações empíricas indicam que a ruptura amorosa se inscreve no corpo, na linguagem e na temporalidade, configurando campo



experencial que exige leitura sensível e sofisticada capaz de captar a complexidade dos movimentos subjetivos que se mantêm velados. Assim, abre-se o caminho para examinar como essas dinâmicas internas se articulam às transformações culturais mais amplas, preparando o terreno para discutir as configurações afetivas que caracterizam a modernidade tardia e influenciam profundamente os modos de ruptura amorosa.

Configurações afetivas na modernidade tardia e os modos de ruptura amorosa

No cenário da modernidade tardia, em que os vínculos afetivos se tornam atravessados por instabilidade estrutural e crescente exposição emocional, a letra de *Love in the Dark* torna visível esse deslocamento ao enunciar “*take your eyes off of me so I can leave*” (tire seus olhos de mim para que eu possa partir) (Adele, 2015), articulando a necessidade de romper com uma vigilância afetiva que aprisiona e dificulta a reorganização interna ao mesmo tempo em que preserva resquícios de cuidado que não sustentam mais o vínculo. Além disso, o modo como o eu lírico demanda distância sem hostilidade revela uma afetividade saturada por tensões acumuladas que se inscrevem no corpo antes de se manifestarem na linguagem, produzindo gestos de afastamento que funcionam como dispositivos psíquicos para conter a desorganização emergente na despedida. Desse modo, a canção oferece material empírico denso para compreender como o desligamento amoroso se inaugura antes da enunciação explícita do adeus, configurando campo simbólico fértil para examinar as mutações afetivas que atravessam os modos de ruptura na contemporaneidade.

Nesse movimento, a declaração “*we’re already defeated*” (nós já fomos derrotados) (Adele, 2015) permite aproximar a narrativa musical da instabilidade estrutural dos vínculos descrita por Bauman (2004), sugerindo que o amor contemporâneo se apoia em bases frágeis que não sustentam ideais duradouros, mesmo quando o desejo de permanência persiste como fantasia. Além disso, o verso “*I’m trying to be brave*” (estou tentando ser corajosa) (Adele, 2015) dialoga com tensões analisadas por Levy e Gomes (2011), nas quais o sujeito enfrenta o colapso entre imagens idealizadas de si e as exigências psíquicas impostas pela realidade afetiva, produzindo rupturas que se apresentam como necessidade ética e não como falha individual. Dessa forma, a canção articula uma sensibilidade que ajuda a compreender como o



amor se sustenta entre expectativas contraditórias e a inevitável dissolução que se anuncia quando o vínculo deixa de oferecer respaldo subjetivo.

A partir dessas aproximações, o pedido “*please don’t fall apart*” (por favor, não desmorone) (Adele, 2015) revela dinâmica marcada por ambivalência, em que o eu lírico deseja preservar o outro ao mesmo tempo em que reafirma a impossibilidade de permanecer, cenário que se relaciona às análises de Salles, Sanches e Abras (2013) sobre vínculos que combinam cuidado, exaustão emocional e distanciamento. Além disso, a frase “*everything changed me*” (tudo me mudou) (Adele, 2015) aproxima-se dos relatos de reorganização subjetiva descritos por Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006), nos quais a ruptura não se limita ao fim do laço, mas inaugura processos internos que modificam a percepção de si e do mundo. Assim, a canção torna visível o modo como transformações internas antecedem a separação, produzindo um campo emocional que cresce silenciosamente até se tornar incontornável.

Desse ponto em diante, o verso “*stay where you are*” (fique onde você está) (Adele, 2015) ilumina a necessidade de delimitar o espaço físico como estratégia psíquica de proteção, revelando que a separação se constitui também como gesto corporal que regula a intensidade emocional que o encontro gera, sobretudo quando o eu se percebe vulnerável demais para sustentar proximidade. Além disso, a afirmação “*I can’t stay this time*” (não posso ficar dessa vez) (Adele, 2015) indica que a decisão de romper emerge como resposta a longos processos silenciosos, configurando narrativa em que a despedida não marca o início da perda, mas sua culminância simbólica. Desse modo, a música oferece terreno fértil para observar como a retirada progressiva se articula com a busca de reorganização subjetiva que antecede o rompimento definitivo.

Nessa continuidade, o verso “*there is so much space between us*” (há tanto espaço entre nós) (Adele, 2015) evoca distanciamento emocional que se instala antes da ruptura formal, aproximando-se das descrições de Smeha e Oliveira (2013) que situam a perda da continuidade afetiva como marca antecipatória do fim do vínculo e não apenas consequência dele. Além disso, a afirmação “*I don’t think you can save me*” (acho que você não pode me salvar) (Adele, 2015) dialoga com análises de Pivetta, Matos e Alexandre (2012), nas quais a impossibilidade de o outro sustentar funções narcísicas já fragilizadas precipita colapsos



internos que reorganizam o modo como o sujeito se percebe em relação ao laço. Assim, a narrativa musical expressa de maneira sensível a dissolução progressiva que se infiltra no cotidiano antes de ser reconhecida como separação.

Nesse desdobramento, a frase *“I’m far too ashamed to do it with you watching me”* (tenho vergonha de fazer isso com você me olhando) (Adele, 2015) articula afetos de vergonha que Rios (2008) descreve como estruturantes de momentos em que o sujeito se percebe exposto em sua fragilidade, sobretudo quando a separação coloca em xeque identidades sustentadas pelo olhar do outro. Além disso, reverberações desse conflito aparecem nas leituras de Levy e Gomes (2011), quando a idealização interna perde coerência e exige reposicionamento do eu diante do fim do laço, processo que se intensifica em cenários como o narrado pela canção. Paralelamente, a sensação de derrota compartilhada evocada em *“we’re already defeated”* (Adele, 2015) aproxima-se das discussões de Salles, Sanches e Abras (2013) sobre vulnerabilidade como elemento que tensiona o que resta do vínculo.

Com base nessas referências, o verso *“I want to live and not just survive”* (quero viver e não apenas sobreviver) (Adele, 2015) sugere que a separação é acionada como movimento de resgate subjetivo, expressando a percepção de que permanecer no vínculo se tornou incompatível com a vitalidade emocional que o “eu” deseja recuperar, aspecto relatado em diferentes narrativas sobre despedidas que funcionam como reinício e não como fracasso. Além disso, cenas como a recusa do toque ou do olhar revelam micropolíticas afetivas que operam na superfície do cotidiano, indicando que o rompimento avança por meio de pequenos gestos que articulam necessidade de preservação psíquica e desejo de afastamento. Assim, a música permite compreender que a ruptura se constrói gradualmente através de camadas que raramente são nomeadas explicitamente quando ocorrem.

Nesse percurso, o reconhecimento de que *“everything changed me”* (Adele, 2015) evidencia reorganizações internas que reconfiguram não apenas o presente, mas também a interpretação retrospectiva da relação, produzindo efeito de deslocamento temporal em que o passado é relido sob novas lentes afetivas que emergem apenas após a ruptura. Além disso, o conflito expresso em *“the longer we ignore it, the more we will fight”* (quanto mais ignorarmos isso, mais brigaremos) (Adele, 2015) mostra como tensões acumuladas se infiltram no cotidiano até saturar o vínculo, tornando inevitável a necessidade de nomear o



que já não pode ser sustentado silenciosamente. Portanto, a letra oferece material empírico robusto para analisar como a deterioração afetiva se distribui ao longo do tempo até consolidar o rompimento.

Com isso, o verso “*we’re oceans apart*” (estamos a oceanos de distância) (Adele, 2015) produz metáfora que Bauman (2004) aproxima das experiências afetivas marcadas por liquidez, nas quais a sensação de desencontro se intensifica mesmo quando a proximidade física ainda existe, revelando como o sujeito percebe abismos emocionais impossíveis de serem atravessados. Além disso, narrativas semelhantes surgem em relatos de separações em que a distância psíquica se instala antes mesmo da decisão explícita, manifestando-se em gestos mínimos que anunciam o esvaziamento simbólico do vínculo antes que o outro possa reconhecê-lo. Dessa forma, a música articula forma artística e experiência humana para iluminar transformações estruturais do amor contemporâneo.

Diante dessas articulações, a letra de *Love in the Dark* permite compreender que a ruptura amorosa se constrói por meio de movimentos que atravessam vergonha, distanciamento, reorganização interna e perda gradual de continuidade afetiva, compondo paisagem subjetiva que antecede a separação explícita e se manifesta em gestos discretos, mas persistentes (Adele, 2015). Além disso, os versos revelam como a despedida opera como gesto ético que reorganiza o eu, preservando-o de colapsos que se intensificariam caso a permanência fosse mantida, evidenciando que o rompimento cumpre função estrutural na manutenção da integridade psíquica. Deste modo, abre-se caminho para a próxima seção, dedicada a examinar os processos psíquicos da separação, articulando dor, reorganização subjetiva e ruptura do pacto narcísico como elementos centrais para compreender o desdobramento interno da despedida.

Processos psíquicos da separação: entre dor, reorganização subjetiva e ruptura do pacto narcísico

No percurso que articula sofrimento, reorganização subjetiva e dissolução do pacto narcísico, os processos psíquicos da separação revelam-se como campo de tensões em que o “eu” se vê pressionado a reorganizar afetos contraditórios, e a letra de *Love in the Dark* torna essa oscilação perceptível ao declarar “*I can’t stay this time*” (Adele, 2015), expondo o ponto



em que o vínculo deixa de oferecer sustentação psíquica e passa a exigir afastamento como forma de preservar a integridade interna. Ao mesmo tempo, essa ruptura murmurada sugere que a decisão se forma após longo percurso de esgotamento emocional, indicando que o rompimento nasce de movimentos silenciosos que alteram gradualmente a posição subjetiva. Com isso, a canção oferece material fecundo para compreender como a dor se articula à redefinição de fronteiras internas e externas que sustentam a continuidade do eu.

A partir dessa formulação, os sentimentos predominantes após rupturas afetivas ganham densidade quando o eu lírico expressa “*please don’t fall apart*” (Adele, 2015), revelando ambivalência entre cuidado e despedida que dialoga com descrições clínicas que situam proteção e afastamento como forças coexistentes na fase inicial do desligamento amoroso (Marcondes; Trierweiler; Cruz, 2006). O gesto de tentar preservar o outro enquanto se admite a impossibilidade de permanecer evidencia paradoxo afetivo recorrente, no qual o sujeito busca amortecer o impacto da separação sem renunciar ao distanciamento necessário. Nesse contexto, a canção ilumina modos de despedida atravessados por responsabilidade emocional que não impede o rompimento, mas o torna ainda mais penoso.

Dando continuidade à análise, o trecho “*I’m trying to be brave*” (Adele, 2015) evidencia tentativa de sustentar vitalidade em meio à dissolução do vínculo, aproximando-se de formulações que situam melancolia e depressão como estados afetivos que coexistem com esforços de restituição emocional durante a perda (Mendes; Viana; Bara, 2014). A coragem evocada na canção não se apresenta como afirmação heroica, mas como movimento frágil destinado a evitar que o cotidiano colapse sob o peso da despedida, revelando a complexidade dos arranjos psíquicos mobilizados pelo término. Em tal perspectiva, a música permite examinar como os sujeitos transitam entre retração, dor e tentativas de reorganização subjetiva que nunca se completam de modo linear.

Sob essa perspectiva, o verso “*everything changed me*” (Adele, 2015) indica que a separação produz transformação profunda na percepção de si, funcionando como experiência que reconfigura limites, expectativas e maneiras de habitar o próprio corpo, mesmo quando tal mudança se anuncia de modo contido. A enunciação dessa alteração sem dramaticidade sugere que a reorganização interna ocorre como processo contínuo em que perdas, lembranças e ressignificações se entrelaçam silenciosamente, construindo narrativas que extrapolam a



cena da despedida. Nesse registro, a canção oferece terreno privilegiado para interrogar como rupturas amorosas inscrevem marcas que se estendem para além do término imediato.

Com essa inflexão, o verso “*I don’t think you can save me*” (Adele, 2015) aproxima-se da noção de luto não reconhecido, na medida em que aponta perdas difíceis de nomear e raramente legitimadas socialmente, convergindo com leituras que identificam formas silenciosas de sofrimento que não encontram espaço simbólico compartilhado (Caseellato, 2013). Ao deslocar o outro da função de salvação imaginada, a música também convoca revisão das idealizações narcísicas que sustentavam o vínculo, ecoando articulações sobre limites da fantasia de completude (Freud, 2004). Nesse horizonte, torna-se possível observar que certas despedidas ativam processos de perda que se aproximam de experiências disseminadas ao longo da vida e não restritas à morte física (Kovács, 1992).

Nesse entrecruzamento, o pedido “*don’t fall apart*” (Adele, 2015) evidencia a dimensão relacional do sofrimento, indicando que a ruptura produz efeitos distribuídos entre afastamento e cuidado, o que se articula com descrições que compreendem o luto como processo que envolve negociação contínua entre resistência e reorganização emocional (Kovács, 1992). Paralelamente, a coexistência entre fragilidade e esforço de estabilidade manifesta-se em estados que oscilam entre retração depressiva e tentativas de preservação psíquica, aproximando-se de articulações sobre a complexidade emocional pós-rompimento (Mendes; Viana; Bara, 2014). Nessa dinâmica, a renúncia à fantasia de reparação total expressa deslocamento do pacto narcísico, convocando o eu a outras formas de sustentação interna (Freud, 2004).

A partir dessas tensões, o verso “*I’m far too ashamed to do it with you watching me*” (Adele, 2015) revela a vergonha como afeto estruturante da cena da separação, pois romper sob o olhar do outro intensifica vulnerabilidade que desorganiza o eu e aciona defesas de retraimento (Rios, 2008). A impossibilidade de sustentar a despedida enquanto o outro presencia a dor expõe fraturas nas imagens idealizadas que sustentavam o laço, aproximando-se de leituras que destacam o colapso das figuras internas que organizavam o desejo (Levy; Gomes, 2011). Nessa chave, a música permite mapear perda de antigos modos de reconhecimento que tornam a ruptura ainda mais complexa.



Em continuidade, o enunciado “*I want to live and not just survive*” (Adele, 2015) evidencia transição entre paralisia e desejo de recomposição subjetiva, indicando que a separação pode ser vivida como gesto ético dirigido à própria vitalidade. A formulação revela que a despedida, embora dolorosa, surge como tentativa de recuperar aspectos do eu comprimidos por dinâmicas do vínculo, articulando movimento interno que não se reduz à negação do outro, mas à necessidade de resgatar alguma forma de circulação afetiva. Com isso, a canção oferece matéria expressiva para examinar como reorganizações internas se anunciam ainda no interior da dor.

Nesse encadeamento, o verso “*we’re already defeated*” (Adele, 2015) expressa sensação de esgotamento emocional que dialoga com narrativas clínicas sobre perda e reconstrução psíquica, nas quais sujeitos descrevem a ruptura como reconhecimento tardio de que o vínculo já não sustentava a vida afetiva, aproximando-se de análises que valorizam memória e elaboração como componentes do término (Gil; Tardivo, 2011). O reconhecimento compartilhado da derrota revela que a dissolução do laço resulta de acúmulos emocionais sedimentados ao longo do tempo, tornando-se marco subjetivo que reorganiza o campo interno do eu. A canção, assim, permite compreender essa tomada de consciência como movimento essencial na travessia do rompimento.

Diante desses elementos, a separação amorosa emerge como experiência que articula dor, vergonha, retraimento e reconfigurações identitárias, estruturando campo psíquico no qual a ruptura do pacto narcísico desempenha função central na reorganização interna do eu, como evidenciado nos versos que modulam distância, pedido de cuidado e impossibilidade de continuidade. Cada movimento descrito na música revela camadas de elaboração emocional que se estendem para territórios simbólicos mais amplos, indicando que o término se prolonga em múltiplos registros da vida afetiva. Com isso, abre-se caminho para examinar, na seção seguinte, a dimensão simbólica da ruptura amorosa na cultura, tomando *Love in the Dark* como lente privilegiada para aprofundar os mecanismos que sustentam essa experiência na contemporaneidade.

A dimensão simbólica da ruptura amorosa na cultura: análise psicanalítica de *Love in the Dark*, de Adele



No campo simbólico da cultura contemporânea, a canção *Love in the Dark* adquire relevância por condensar, em sua tessitura poética, movimentos psíquicos que frequentemente permanecem invisíveis nos discursos cotidianos sobre o fim do amor, permitindo que a ruptura seja percebida como passagem interna e não apenas como evento relacional, e revelando, por meio de imagens sonoras, maneiras pelas quais o sujeito articula dor e limite ao tentar preservar fragmentos de si. O verso “*please stay where you are*” (por favor, fique onde você está) (Adele, 2015) exemplifica esse esforço ao solicitar distância sem hostilidade, gesto que sugere tentativa de estabelecer contorno psíquico capaz de sustentar a travessia emocional. Desse modo, a música se apresenta como objeto cultural que torna audíveis zonas de conflito que raramente encontram linguagem direta em cenários de separação.

Nesse movimento, a pertinência de *Love in the Dark* como *corpus* analítico se intensifica quando se aplica ao texto a lógica da análise de conteúdo, permitindo identificar núcleos significativos que se organizam em torno de vergonha, limite e impossibilidade, como sugerem procedimentos metodológicos que privilegiam recorrências simbólicas e reorganizações de sentido (Bardin, 2011; Campos, 2004). O padrão de solicitações como “*don’t come any closer*” (não chegue mais perto) (Adele, 2015) revela insistência em criar distância que não é meramente espacial, mas condição emocional para gerir a dor sem colapso de fronteiras internas. Com isso, a música produz material expressivo para sustentar interpretação que ultrapassa a literalidade da letra e se insere na lógica psíquica dos desligamentos afetivos.

Ao articular tais elementos, torna-se possível relacionar a ruptura amorosa representada na canção à quebra do pacto narcísico, fenômeno que se evidencia quando o sujeito reconhece que não pode mais sustentar a fantasia de completude depositada no outro, como se observa no enunciado “*stop asking me to stay*” (pare de me pedir para ficar) (Adele, 2015), que indica deslocamento da idealização e emergência de limites internos que não podem ser transgredidos sem desencadear sofrimento desorganizador (Freud, 2004). A recusa do pedido do outro evidencia a passagem da dependência simbólica para a necessidade de preservação subjetiva, afirmando que o rompimento se torna ato ético em relação ao próprio eu, dessa forma, a canção permite observar as fraturas dessa dinâmica narcísica no plano sensível.



Considerando o que se evidencia na sonoridade e no timbre da voz, observa-se que *Love in the Dark* também produz uma coreografia afetiva que expressa simultaneamente retirada e cuidado, criando zona liminar onde o sujeito tenta evitar ferir o outro enquanto se retira, como expresso no delicado “*I’m being cruel to be kind*” (estou sendo cruel para ser gentil) (Adele, 2015, que aparece menos como justificativa e mais como reconhecimento de tensões éticas que atravessam o rompimento. A delicadeza com que essa frase é pronunciada sugere que o eu lírico tenta sustentar a dignidade do outro mesmo enquanto desfaz o vínculo, movimento que se inscreve no campo simbólico como ruptura que não se pretende violenta, mas necessária. Nessa perspectiva, a música intensifica visões sobre despedidas que não cabem nas oposições tradicionais entre abandono e cuidado.

Em articulação com essa leitura, a tensão entre desejo de preservação e necessidade de afastamento se vincula à dinâmica de perda que ultrapassa a despedida verbal, movimento evidenciado quando a voz afirma “*everything changed me*” (Adele, 2015), revelando que o rompimento instaura processos contínuos de reorganização que se prolongam na memória e no corpo afetivo (Freud, 2006). A percepção dessa mudança opera como deslocamento identitário que altera posições subjetivas antes sustentadas pelo vínculo amoroso, permitindo observar que o “eu” transita por estados que modulam retraimento, exposição e tentativas de recomposição simbólica em fluxos que seguem sem resolução imediata (Bauman, 2004). Nesse sentido, a canção mobiliza dimensões culturais de perda que excedem o par amoroso e atravessam modos de narrar agência e fragilidade na cultura contemporânea, estruturando campo expressivo em que a voz feminina reinscreve sua experiência de dor como movimento ético de reposicionamento interno (Parisi, 2012).

Sob essa luz, a ruptura anunciada em “*we’re already defeated*” (Adele, 2015) configura reconhecimento de que o vínculo já não sustenta a reciprocidade necessária para manter a fantasia de unidade, aproximando-se de leituras que situam a perda como desinvestimento progressivo do laço amoroso que reorganiza silenciosamente o espaço psíquico do sujeito (Freud, 2004). A constatação dessa derrota não emerge como fracasso moral, mas como tomada de consciência que evidencia fraturas na sustentação narcísica da relação, dialogando com análises que descrevem o amor na modernidade tardia como experiência marcada pela tensão permanente entre desejo de continuidade e instabilidade



afetiva (Bauman, 2004). Nesse movimento, a canção opera como espelho cultural de transformações emocionais que atravessam a subjetividade contemporânea, permitindo observar como a voz feminina reinscreve vulnerabilidade e agência na cena da despedida ao produzir narrativa que ressoa mudanças identitárias em curso (Parisi, 2012).

Nesse eixo interpretativo, o enunciado “*there is so much space between us*” (Adele, 2015) sugere que o distanciamento não é apenas físico, mas expressão simbólica de desalinhamento interno que impede a continuidade do laço e faz emergir sensação de estranhamento que se instala antes mesmo da separação explícita, articulando-se a leituras que descrevem afastamentos como movimentos necessários à reorganização emocional que antecede o rompimento (Campos, 2004). Ao reconhecer esse espaço crescente, o eu lírico indica luto em andamento ao admitir que não há gesto capaz de recompor a antiga intimidade, revelando que a percepção do outro se desloca silenciosamente enquanto persiste certa forma de cuidado residual que tenta retardar o inevitável desfecho, convergindo com análises que interpretam a fluidez dos laços como marca da experiência amorosa contemporânea (Bauman, 2004). Nesse percurso, a música opera como narrativa de transição que torna visíveis margens afetivas que se ampliam antes da despedida definitiva, permitindo observar como a subjetividade se remodela por meio de pequenas fraturas que anunciam descontinuidade interna sem oferecer ainda linguagem plena para nomear tais movimentos.

A partir desse ponto, torna-se possível observar que o jogo entre luz e escuridão presente no título da canção opera como metáfora para o trânsito subjetivo entre saber e não querer saber, pois quando a voz declara “*I can’t love you in the dark*” (não posso te amar na escuridão) (Adele, 2015), revela impossibilidade de seguir sustentando vínculo que depende do apagamento de si. A escuridão, nesse contexto, não remete à morte do amor, mas ao ambiente afetivo em que o sujeito já não reconhece seus próprios contornos, indicando que a separação surge como retorno à visibilidade interna. Com isso, a canção articula simbolicamente o gesto de romper à busca por clareza psíquica que a relação já não oferecia.

Em continuidade, a força simbólica do gesto de ruptura torna-se mais evidente quando se observa que a canção organiza seus significantes de modo a produzir campo discursivo em que despedida e reinício coexistem, permitindo extrair, pela análise de conteúdo, núcleos de sentido ligados a luto, ética do limite e reorganização subjetiva (Bardin, 2011). O modo como



os versos retornam em variações mínimas sugere insistência do sujeito em nomear aquilo que ainda não alcançou simbolização plena, revelando que o trabalho de reinvestimento emocional se articula a movimentos de desinvestimento que demandam elaboração contínua (Freud, 2006). Nesse atravessamento, a música oferece espaço para perceber texturas afetivas que emergem quando o “eu” tenta organizar experiências que oscilam entre afastamento e reencontro interno, constituindo material expressivo que possibilita a leitura de processos psicodinâmicos inscritos na cultura (Campos, 2004).

Diante desses elementos, *Love in the Dark* se configura como dispositivo simbólico capaz de tornar visíveis camadas da experiência amorosa que se atualizam na cultura como modos de narrar dor, vergonha, coragem e reorganização, iluminando a hipótese de que a ruptura do pacto narcísico se expressa tanto na recusa da fantasia de salvação quanto no reconhecimento da própria vulnerabilidade, movimento que a canção articula pela combinação entre voz, silêncio e palavra. A despedida cantada não se reduz ao fim do vínculo, mas se apresenta como processo em que subjetividade e cultura se entrelaçam, produzindo gestos que se tornam legíveis apenas quando compreendidos em sua profundidade simbólica. Com essa abertura, o texto se encaminha para a conclusão, na qual se retomam os principais achados e suas contribuições para a compreensão psicanalítica da ruptura amorosa na contemporaneidade.

Considerações finais

A análise desenvolvida permitiu reconhecer que a canção *Love in the Dark* elabora, no plano simbólico, um percurso de separação marcado pela articulação entre luto, vergonha e ruptura do pacto narcísico. Os resultados sustentam as hipóteses formuladas ao evidenciarem que o rompimento não se constitui como gesto súbito ou isolado, mas como trabalho psíquico progressivo, iniciado antes da nomeação explícita da despedida. Cada movimento da narrativa musical revela deslocamentos subjetivos pelos quais o sujeito passa a reconhecer a impossibilidade de preservar o vínculo sem comprometer a própria integridade. Nesse sentido, a permanência deixa de corresponder a um ideal amoroso e passa a ser confrontada pelos limites internos produzidos pela perda, pelo esgotamento afetivo e pela necessidade de preservação do eu.



A resposta ao objetivo central da pesquisa emerge da compreensão de que luto e vergonha não operam como fragilidades passivas, mas como afetos que reorientam o sujeito diante da inviabilidade de continuidade da relação. A canção expõe a renúncia à fantasia de salvação mútua e apresenta a retirada como gesto ético, pois permanecer implicaria intensificar um ferimento interno já reconhecido. A vergonha, simbolizada na dificuldade de sustentar-se sob o olhar do outro, deixa de produzir imobilidade e passa a inaugurar um movimento de afastamento necessário à reorganização subjetiva. Assim, a narrativa musical constrói um campo discursivo no qual a ruptura se torna narrável sem ser reduzida à lógica do fracasso, evidenciando que a despedida pode constituir uma forma de cuidado dirigida simultaneamente ao outro e a si.

As implicações teóricas indicam que produções culturais como *Love in the Dark* oferecem material relevante para compreender modos contemporâneos de elaboração das perdas e de reorganização dos pactos narcísicos. A análise psicanalítica da arte permite acessar zonas afetivas que frequentemente escapam ao discurso clínico tradicional, estabelecendo aproximações consistentes entre estética, afeto e subjetividade. No plano prático, os achados sugerem que narrativas musicais podem favorecer o reconhecimento de movimentos internos que antecedem a separação, contribuindo para formas menos violentas de desligamento. Investigações futuras poderão ampliar esse debate mediante o exame de outras produções culturais sobre rupturas amorosas, luto, vergonha e continuidade psíquica, aprofundando a compreensão das linguagens por meio das quais os sujeitos elaboram experiências afetivas limítrofes.

Referências

ADELE. *Love in the Dark*. In: ADELE. 25. Londres: XL Recordings, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>>. Acesso em: 7 fev. 2026.



CASELLATO, Gabriela. Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. *In*: CASELLATO, Gabriela (org.). **Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. 2. ed. Niterói: PoloBooks, 2013.

DUCATTI, Daniela Cristina Pires. O luto da separação nas relações amorosas. *In*: CASELLATO, Gabriela (org.). **Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade**. 2. ed. Niterói: PoloBooks, 2013. p. 89–104. Original publicado em 2005.

FERREIRA, Edivaldo Pereira. A separação amorosa: uma abordagem psicanalítica. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 8, n. 1, p. 56–97, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/14417985/A_SEPARA%C3%87%C3%83O_AMOROSA_UMA_ABORDAGEM_PSICANAL%C3%8DTICA>. Acesso em: 10 set. 2025.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1, p. 95–131.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 2, p. 99–122.

GIL, Camila Alves; TARDIVO, Leila Salomão de La Plata Cury. A oficina de cartas, fotografias e lembranças como intervenção psicoterapêutica grupal com idosos. **Mudanças**, São Paulo, v. 19, n. 1–2, p. 19–30, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v19n1-2p19-30>>. Acesso em: 26 set. 2025.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte, separação, perdas e o processo de luto**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. A morte em vida. *In*: BROMBERG, Maria Helena Pereira Franco [et al.] (org.). **Laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 11–26.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEVY, Liane; GOMES, Carlos Guilherme. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45–57, 2011. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003>. Acesso em: 14 out. 2025.

MARCONDES, Maria Valéria; TRIERWEILER, Marlene; CRUZ, Roberto Moraes. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 94–105, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100009>>. Acesso em: 31 out. 2025.



MENDES, Eduardo Duarte; VIANA, Tereza Cristina; BARA, Osvaldo. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 423–431, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PARISI, Silvia. **Amor e separação: reencontro com a alma feminina**. São Paulo: Vetor, 2012.

PIVETTA, Denise Maria Pires; MATOS, Luciane Silva de; ALEXANDRE, Ivone Jesus. Crise de identidade do sujeito. **Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 2, p. 337–345, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/>>. Acesso em: 5 dez. 2025.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 12, n. 25, p. 421–426, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000200016>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

SALLES, Ana Cláudia Teixeira Cardoso; SANCHES, Nathalia Rodrigues Alves; ABRAS, Rita Maria Guedes. Algumas características dos laços amorosos nos dias atuais. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 40, p. 15–20, 2013. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n40/n40a02.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SILVA, Clodoaldo Matias da. As cicatrizes invisíveis da prostituição na perspectiva da música “Troca de Calçada” de Marília Mendonça. **Nova Hileia - Revista Eletrônica de Direito Ambiental da Amazônia - ISSN 2525–4537**, [S. l.], v. 18, n. 3, 2026. Disponível em: <<https://periodicos.uea.edu.br/index.php/>>. Acesso em: 5 fev. 2026.

SMEHA, Luciane Najar; OLIVEIRA, Márcia Vieira Duarte de. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33–45, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid>. Acesso em: 26 jan. 2026.

Trabalho Apresentado em 07/02/2026

Aprovado em 12/06/2026